

O
DEUS
QUE EU NÃO ■
ENTENDO

CHRISTOPHER J. H. WRIGHT

**O
DEUS
QUE EU NÃO
ENTENDO**

PARA COMPREENDER MELHOR ALGUMAS
QUESTÕES DIFÍCEIS DA FÉ CRISTÃ

TRADUÇÃO **PAULA MAZZINI MENDES**

ultimato 
VIÇOSA|MG

O DEUS QUE EU NÃO ENTENDO

Categoria: Teologia / Vida Cristã / Espiritualidade

Copyright © 2008 by Langham Partnership International
Translation copyright © 2011 by Rev Christopher J. H. Wright

Publicado originalmente por Zondervan, Grand Rapids, Michigan, EUA.
Título original em inglês: *God I Don't Understand, The*

Primeira edição: Novembro de 2011

Tradução: Paula Mazzini Mendes

Preparação e revisão: Mariana Furst

Diagramação: Bruno Menezes

Capa: Souto Crescimento de Marca

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wright, Christopher J. H., 1947-
O Deus que eu não entendo / Christopher J. H. Wright; tradução Paula Mazzini Mendes. —
Viçosa, MG: Ultimato, 2011.

Título original: The God I don't understand

Bibliografia

ISBN 978-85-7779-049-4

1. Bem e mal 2. Dor – Aspectos religiosos – Cristianismo 3. Fé 4. Sofrimento – Aspectos religiosos – Cristianismo 5. Teodicéia I. Título

11 – 12137

CDD – 231.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Sofrimento: Teologia dogmática cristã 231 – 8

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORA ULTIMATO LTDA.

Caixa postal 43

36570-000 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557

www.ultimato.com.br



A marca FSC é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

Para Gordon e Ann

SUMÁRIO

Prefácio	9
Prólogo	11
Introdução	15
PARTE 1 – E o mal e o sofrimento?	27
1. O mistério do mal	31
2. A transgressão do mal	51
3. A derrota do mal	67
PARTE 2 – E os cananeus?	87
4. Os cananeus — três becos sem saída	91
5. Os cananeus — três perspectivas	103
PARTE 3 – E a cruz?	131
6. A cruz — Por que e o quê?	133
7. A cruz — Como?	153
8. A cruz — de acordo com as Escrituras	173
PARTE 4 – E o fim do mundo?	191
9. Paradoxos e controvérsias	193
10. O grande clímax	207
11. O novo começo	231
Conclusão	261
Notas	267
Leituras complementares	275

PREFÁCIO

A PRIMEIRA VEZ QUE ENCONTREI e ouvi Chris Wright foi na Christian Ethics Conference. Ele estava falando sobre um tópico bastante controverso e fazendo-o com coragem e equilíbrio. Ao final, fui até ele e o agradei por isso.

Desde então, tenho lido muito do que ele tem escrito e também ouvido várias de suas palestras e sermões; em cada ocasião fui impactado pelas mesmas características de então – coragem e equilíbrio. Ele é completamente comprometido com a suprema autoridade da Escritura. Ao mesmo tempo, encara com honestidade os problemas de interpretação bíblica.

Por mais que acreditemos na revelação divina de forma enfática, precisamos reconhecer que Deus não nos revelou tudo e que muito do que foi revelado não está claro. É porque Chris Wright lida com os problemas bíblicos com uma combinação de honestidade e humildade, que eu veementemente recomendo este livro.

John Stott, agosto de 2008

PRÓLOGO

ALGUNS AMIGOS FICARAM ESPANTADOS quando eu disse a eles que estava escrevendo um livro intitulado *O Deus que Eu não Entendo*. Talvez tenha a ver com o fato de eles saberem que já escrevi três livros começando com *Conhecendo Deus*.¹ Seria um colapso repentino de apostasia ou um desvio? Eu disse a eles que era um sinal de saudável equilíbrio.

Vivo diariamente com a grata alegria de conhecer a Deus e confiar nele, e espero que isso fique claro no decorrer deste livro. Porém, conhecer e confiar não tem necessariamente a ver com entender. Mesmo o fato de conhecer alguém muito bem não quer dizer conhecer essa pessoa completamente, e os casais mais realizados no casamento podem confirmar isso. Na vida diária geralmente temos de confiar em pessoas sem entender muito bem como elas agem, da mesma forma que sou obrigado a fazer todos os anos quando pago meus impostos ao governo. Semelhantemente, conhecer a Deus, amá-lo e confiar nele

de todo o coração, de toda a alma e de toda a força não é o mesmo que entender Deus em todos os seus caminhos. O próprio Deus nos lembra:

“... meus pensamentos não são os pensamentos de vocês, nem os seus caminhos são os meus caminhos”, declara o Senhor.

“Assim como os céus são mais altos do que a terra, também os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos, e os meus pensamentos do que os seus pensamentos”.

– *Isaias 55.8-9*

Este é um livro mais pessoal do que muitos que já escrevi, pois minhas próprias lutas ficam evidentes. Poderia dizer que este não é um livro de teologia, mas isso não seria verdade. Não é um livro de construção teológica sistemática, mas um livro que busca unir o ensino bíblico, a fé pessoal, as questões urgentes e a experiência de vida — que deve ser o que a teologia faz. Minha esperança é que isso aconteça com o equilíbrio saudável da honestidade (com o que não entendo) e da clareza (ao pensar que há coisas que podemos e devemos entender), da verdade bíblica e da humildade cristã. Pelo menos esta tem sido a minha oração.

Muitas pessoas participaram da elaboração deste livro. Gostaria de agradecer Stan Gundry, da Zondervan, juntamente com Pieter Kwant, diretor da Langham Literature e meu agente literário, pelas conversas iniciais que me encorajaram a unir em um único volume vários tópicos que naquela época estavam aleatoriamente misturados em minha mente. Katya Covrett tem sido uma das mais encorajadoras e atenciosas editoras com quem já trabalhei e sou muito grato a ela. Também sou grato porque Hugh Palmer, reitor da All Souls Church, em Langham Place, Londres, permitiu que eu pregasse uma série de sermões em setembro de 2007 com o mesmo título deste livro, a fim de dar um espaço preliminar para algumas de minhas reflexões. Minha esposa e minha família sabem da gratidão diária que tenho para com Deus pela bênção que eles são e pela evidência pessoal e vívida da graça de Deus, que vai além do meu entendimento.

Este livro é dedicado a Gordon e Ann McBain — nossas famílias estão ligadas por muitos anos de amizade enriquecedora e aprecio as conversas com Gordon, que impulsionaram o carrilhão de pensamentos que agora alcançou seu destino nestas páginas.

INTRODUÇÃO

ESTE LIVRO COMEÇOU ao redor de uma mesa de jantar. Estava tomando café com minha esposa e Gordon, um velho amigo nosso. Falávamos sobre amigos e membros de nossa família estendida. Alguns deles estavam lidando com circunstâncias realmente estressantes ou vários tipos de tragédias familiares. Eles eram cristãos autênticos e, por isso, começamos a pensar sobre a estranheza dos caminhos de Deus e por que ele permite que alguns de seus filhos sofram tanto e outros tenham vidas que parecem totalmente livres do sofrimento.

Penso que as pessoas geralmente são rápidas para dizer “isso não é justo”, quando elas ou pessoas próximas passam por algum sofrimento que parece totalmente não-merecido. Às vezes sinto que também não é justo que eu tenha sofrido tão *pouco* na vida, sendo que em minha família tenho irmãos que tiveram que lidar com todos os tipos de estresse, doença, desolação e outras agonias. Parece não existir nenhuma lógica ou razão para explicar experiências tão contrastantes, sendo que

todos nós somos cristãos. Nenhum de nós é tão bom quanto um santo. Nenhum de nós é pior do que um pecador. Ainda assim, Deus permitiu o sofrimento para alguns e a outros dele o poupou.

“Simplesmente não entendo por que Deus faz isso” – eu disse.

A reação de Gordon foi uma mistura de surpresa e alívio.

“Pensei que você, sendo um estudioso da Bíblia, teólogo e tudo mais, já tinha resolvido essas questões” – ele disse. “De certa forma é confortante saber que você tem os mesmos problemas que nós.”

“Longe de ter tudo resolvido – respondi –, parece que quanto mais velho eu fico menos eu entendo Deus. O que não significa dizer que eu não o ame ou não confie nele. Pelo contrário, conforme a vida passa, a confiança cresce, mas minha luta com o que Deus faz ou permite também cresce.”

Essa sequência de pensamentos começou, então, com o problema do sofrimento – que, é claro, tem sido um ponto discutido pelos cristãos sensíveis desde os tempos bíblicos. Porém, a conversa me levou a refletir sobre o fato de que há muitos outros caminhos nos quais, se eu for honesto, não entendo Deus. Nenhum desses me faz duvidar da existência de Deus ou me rebelar contra ele. Nenhum desses ameaça o profundo e duradouro amor pelo Senhor e sua Palavra que moldaram minha vida desde a infância. No entanto, sei que para muitas pessoas essas áreas podem ser uma verdadeira pedra de tropeço. Elas podem levantar tantas questões e incertezas que a própria fé se torna uma luta, e a própria pessoa ou o caráter de Deus passam a ser questionados ou coisa pior.

Não que sejam problemas remotamente novos ou que só recentemente me tornei ciente deles. Lembro-me bem de ter tido discussões com amigos na escola e na universidade mais de quarenta anos atrás sobre algumas das questões que estão nos capítulos deste livro. No entanto, penso que quando você é novo categoriza essas questões na mente como “para serem resolvidas mais tarde”. Parte de você deseja que haja uma resposta para elas, que será encontrada com um pouco mais de leitura e estudo, ou ao ouvir líderes cristãos maduros e experientes. Certamente alguém, em algum lugar, solucionou esses problemas. Porém, conforme a vida passa, você descobre que aparentemente ninguém os resolveu de

forma convincente. Será que alguém *realmente* tem uma resposta para essas coisas? Talvez não. Talvez não devamos ter.

Além disso, conforme o tempo passa, os próprios problemas se tornam mais urgentes, já que questões como o sofrimento e a mortalidade começam a invadir nossa vida e o círculo de familiares e amigos. Então, como disse anteriormente, conforme meu amor pelo Senhor e minha gratidão e fé são diariamente fortalecidas por meio de suas ricas bênçãos, as questões permanecem e a escassez de entendimento fica cada vez mais evidente. “Por que, Senhor?” e “Até quando, Deus?” são perguntas que surgem mais frequentemente em nossa conversa diária com Deus.

Como Gordon (e muitos outros, sem dúvida) pensou que os teólogos e estudiosos da Bíblia deveriam entender tudo isso, penso que é bom que aqueles de nós que foram chamados e capacitados por Deus para esse ministério específico sejamos os *primeiros* a afirmar que não é bem assim. Certamente os estudos bíblicos e teológicos nos levam a um maior entendimento sobre Deus, suas palavras e seus caminhos, em toda a riqueza de sentidos. Sou grato porque Deus me permitiu contribuir modestamente com essa grande herança. É uma alegria e um grande privilégio poder gastar tempo e ter oportunidades durante esses anos de estudar e ensinar a Palavra de Deus a outros e de encontrar uma profunda satisfação pessoal ao ser capaz de explicar o que pode ser explicado e ajudar outros a alcançar um maior entendimento. Porém, existem áreas do mistério em nossa fé cristã que estão além do mais acurado estudo e até dos mais profundos exercícios espirituais.

Um escritor bíblico que tentou arduamente solucionar os mistérios da vida e de Deus e que parece ter tido a profissão de professor chegou à seguinte conclusão:

Quando voltei a mente para conhecer a sabedoria e observar as atividades do homem sobre a terra, daquele cujos olhos não veem sono nem de dia nem de noite, percebi tudo o que Deus tem feito. Ninguém é capaz de entender o que se faz debaixo do sol. Por mais que se esforce para descobrir o sentido das coisas, o homem não o encontrará. *O sábio pode até afirmar que entende, mas, na realidade, não o consegue encontrar.*

– *Eclesiastes 8.16-17 (ênfase do autor)*

Mesmo aqueles que dizem ter respostas definitivas para os problemas mais profundos da vida terrena que Deus criou vivem com certa dose de confusão. Eles não sabem o que dizem saber. Minha esperança é que este livro partilhe um pouco da honestidade e do realismo de Eclesiastes e seja capaz de apresentar dimensões maiores da ação e da revelação de Deus que não estavam ao alcance do autor em seu tempo.

Então, não tenho vergonha de dizer que existem muitas coisas que não entendo em relação a Deus.

DIFERENTES TIPOS DE NÃO-ENTENDIMENTO

Meu “não entendimento” assume formas diferentes e produz diferentes reações internas.

Existem coisas que não entendo em relação a Deus que me deixam *bravo* ou *aflito*, porque eram — ou ainda são — horríveis e inexplicáveis. Todos nós lutamos para que a presença do mal em meio à boa criação de Deus faça sentido (apesar de que talvez o mal nunca deva e nunca poderá “fazer sentido”; a própria essência do mal é a negação de todo o bem — e “sentido” é uma coisa boa. No fim das contas, o mal não deve e não pode “fazer sentido”).

No entanto, o problema filosófico e teológico do mal é uma coisa; a realidade dolorosa do sofrimento atual é outra, e, quanto mais ponderamos sobre o assunto, mais difícil é relacionar Deus a tudo isso. Como reagir à confusa e terrível escala de sofrimento presente neste mundo? Uma resposta que encontramos na própria Bíblia é lamento. Uma palavra mais moderna para a mesma coisa é protesto. O que significa lamentar e protestar diante de Deus pelas coisas que não podemos entender? E por que parece que achamos que isso, de certa forma, é errado?

Há coisas que não entendo sobre Deus que me deixam *moralmente perturbado*. Algumas são coisas que acontecem na própria Bíblia, sobretudo no Antigo Testamento. Há uma enorme quantidade de violência — atos violentos, palavras violentas, metáforas violentas. O exemplo que vem à mente de todos é a destruição dos cananeus quando os israelitas tomaram posse da terra que o Senhor prometera a eles. Há alguma

forma de interpretar tais coisas que seja coerente com o que o restante da Bíblia nos diz sobre o caráter de Deus?

Há coisas que não entendo sobre Deus porque são coisas *confusas*. Por que Deus diz e faz coisas na Bíblia que foram tão mal interpretadas nas gerações seguintes? Talvez esse seja mais um problema que tenho em entender a forma como muitos cristãos parecem exagerar na maneira como interpretam a Bíblia do que de fato um problema com Deus. Ainda assim, fico pensando se Deus não balança a cabeça quando vê o que fizemos com alguns poucos versículos que falam de milhares de anos obscuros, ou como fantasiamos e criamos ficções relacionadas a um arrebatamento e suas consequências, ou como ficamos obcecados com as datas para o “fim do mundo”, desafiando de forma ousada os avisos de Jesus para não fazermos isso.

Há coisas que não entendo sobre Deus, mas elas me enchem de *gratidão*, pois não poderia viver sem a realidade de sua verdade, aceita pela fé. O exemplo supremo é a própria cruz. Quem é audacioso o suficiente para dizer que *entende* exatamente *como* a cruz pode suprir nossas necessidades mais profundas? E ainda nos apegamos ao fato de que, pela graça de Deus e pela autoridade da sua Palavra, ela o consegue. Tem sido sabiamente destacado que, quando Jesus resolveu explicar a expiação a seus discípulos, ele não lhes ofereceu uma teoria, mas uma refeição. É claro que isso não fez com que as pessoas parassem de teorizar, começando, de fato, com aqueles primeiros discípulos e com aquele que mais tarde se uniria a eles, o apóstolo Paulo. E a controvérsia prevalece em relação ao significado da cruz. Sem dizer que a entendemos totalmente, podemos, pelo menos, acabar com alguns dos piores mal-entendidos.

Há coisas que não entendo sobre Deus, mas elas me enchem de *esperança* em meio à opressiva destruição da Terra e de seus habitantes. A Bíblia aponta para as piores verdades sobre a vida na terra no presente, incluindo as questões mencionadas acima. Porém, ela faz isso com um lento crescendo de expectativa quanto a um mundo melhor no porvir. Tanto no Novo quanto no Antigo Testamento somos surpreendidos com uma visão da nova criação de Deus. Novamente, está além do meu

entendimento a capacidade de explicar como isso acontecerá ou como será concretizado. Porém, o que percebo na verdade é que o verdadeiro retrato bíblico da nova criação permeia vários mitos populares e caricaturas do “céu”, e me parece algo bem mais significativo de se esperar.

Fico satisfeito em esperar pela nova criação de Deus sem entendê-la completamente (acreditando, como Paulo, que o tempo para isso chegará), mas não sem uma confiança jubilosa.

Essas, então, são algumas coisas que percebi que não entendo completamente em relação a Deus – nem todas do mesmo tipo, nem todas com a mesma rigorosidade emocional ou espiritual. Ainda assim, conforme lutamos com esses problemas, com a ajuda de nossas Bíblias, parece que podemos pelos menos corrigir respostas que estavam erradas, inadequadas ou distorcidas. Então, à medida que for possível neste livro, tentarei mostrar por que algumas respostas que são dadas para as questões mais provocantes não são realmente úteis.

Ainda assim, há algumas perspectivas sobre tais coisas que *são* úteis e instrutivas – mesmo que ao final não responda a todas as nossas perguntas. Então, em vista de tais considerações, quero compartilhá-las, seja qual for a luz que elas podem lançar sobre as difíceis questões que serão discutidas. Assim, ao explorar os dois lados do que pode ser dito, espero mostrar que é possível sermos tão claros quanto podemos sobre as coisas que *não* entendemos, ou que *deveríamos* entender, porque Deus as deixou claro na Bíblia, ao mesmo tempo em que aceitamos nossa falta de entendimento (e até mesmo nossa confusão e medo) sobre muitas outras coisas que Deus escolheu não explicar para nós – e podemos fazer isso com humildade e até mesmo gratidão e alívio. Podemos ser totalmente honestos sobre as coisas que não entendemos sem ameaçar a essência da nossa fé na verdade das coisas que podemos e devemos entender.

EM BOA COMPANHIA

Quando continuei a pensar sobre os limites da minha própria falta de entendimento em algumas dessas áreas, encontrei-me em uma boa e encorajadora companhia.

A Bíblia nos dá muitos exemplos de pessoas que chegaram diante de Deus em perplexidade, lamento, ansiedade ou medo e levaram a ele seus questionamentos. Seria muito propício fazer uma pesquisa ampla sobre todos os questionamentos que encontramos na Bíblia. Muitos são retóricos, claro – simplesmente uma forma de enfatizar uma afirmação. Porém, muitos deles parecem surgir de um desejo profundo de entender os caminhos de Deus quando ele fala ou age ou quando declara sua intenção de falar ou agir, de forma que transcendem nossa compreensão.

Abraão é corajoso o suficiente para ser a primeira pessoa na Bíblia a iniciar uma conversa com Deus fazendo perguntas a ele – perguntas sobre a justiça de suas intenções em relação a Sodoma e Gomorra. “Não agirá com justiça o juiz de toda a terra?” (Gn 18.25).

A pergunta de Sara, marcada pela realidade da esterilidade e murmurada em meio a uma risada amarga, foi dirigida indiretamente a Deus, mesmo que ironicamente ela não soubesse que ele estava do outro lado da porta da tenda, ouvindo (Gn 18.12).

Hagar talvez estivesse, ou não, conversando com o Deus da família que a expulsara quando se virou e disse em desespero: “Não posso ver o menino morrer” (Gn 21.16); mas foi esse Deus que interveio em seu favor, e ele havia feito isso antes, quando Hagar se tornou a primeira pessoa na Bíblia a dar um nome a Deus – e um nome significativamente perceptível e confortante (Gn 16.13).

Moisés, mais de uma vez, questiona a Deus, às vezes sobre suas intenções para com os israelitas, às vezes sobre sua própria exclusão da terra prometida – algo que Moisés parece nunca ter entendido, nem aqueles que, depois dele, refletiram sobre a decisão divina (Dt 3.23-28).

Noemi, em meio ao luto de ter enterrado o marido e dois filhos (uma espécie de viuvado triplo), é um agitado conflito de emoções, pois ela confia em Deus e ora a ele, mas o acusa de a tratar como um inimigo (Rt 1.13b); ela põe toda a culpa na amargura, vazio e aflição de sua vida no próprio Deus (1.20-21).

Davi não suporta a generosidade de Deus em relação a si mesmo e sua casa e acaba por perguntar, “Quem sou eu?” (2Sm 7.18).